



Conflitos e Convergências da Geografia 2

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Conflitos e Convergências da Geografia 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C748 Conflitos e convergências da geografia 2 [recurso eletrônico] /
Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa
(PR): Atena Editora, 2019. – (Conflitos e Convergências da
Geografia; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-333-0

DOI 10.22533/at.ed.330191504

1. Geografia – Pesquisa – Brasil. 2. Geografia urbana. I. Ferreira,
Gustavo Henrique Cepolini. II. Série.

CDD 910.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nesse segundo volume da Coletânea – “Conflitos e Convergências da Geografia”, publicado pela Atena Editora, realçamos o compromisso inalienável para um debate plural e democrático a partir de diferentes análises geográficas centradas no Brasil. Trata-se de vinte e quatro contribuições oriundas de quinze estados brasileiros, os quais estão vinculados à vinte e uma instituição de ensino, pesquisa, extensão e inovação. No decorrer desse volume as reflexões propostas pelos autores retratam um panorama sobre Geografia Urbana e sua relação e interação com os Estudos Ambientais, Geotecnologias e Cartografia e as possibilidades de inclusão enfatizando o Ensino de Geografia.

Nesse contexto, as discussões e proposições sobre a urbanização, planejamento e normatização do território, segregação socioespacial, uso do espaço público, segurança e insegurança pública, desigualdades sociais, vulnerabilidade socioambiental, mobilidade urbana, acidentes de trânsito, mercado imobiliário, inundações e dinâmica fluvial, permitem inferir a relevância das pesquisas e seus desdobramentos para compreensão de diferentes realidades que convergem ao refletirmos sobre os desafios atuais do planejamento urbano e ambiental no país, cujo direito à moradia digna e a cidade são violados cotidianamente.

Esperamos que as análises publicadas nessa Coletânea propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates geográficos que desvendem os caminhos e descaminhos para compreender a realidade brasileira e sua indissociável conexão no bojo da mundialização.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
Montes Claros-MG
Outono de 2019

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO E A NORMATIZAÇÃO DO TERRITÓRIO NO RIO GRANDE DO NORTE	
Matheus Lucena de Macedo Guedes Celso Donizete Locatell	
DOI 10.22533/at.ed.3301915041	
CAPÍTULO 2	13
OS ESPAÇO OPACOS CAICOENSES: DISCUTINDO A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL DO BAIRRO NOVA CAICÓ	
Iapony Rodrigues Galvão Djalma Amâncio da Silva Neto Lucas Henrique Lima Alves Ricardo Araújo de Lemos	
DOI 10.22533/at.ed.3301915042	
CAPÍTULO 3	22
CONDOMINIOSCLUBEEMTERESINA/PIAUÍ:PROCESSODETERRITORIALIZAÇÃO E (DES) TERRITORIALIZAÇÃO DA CIDADE	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista Edileia Barbosa Reis	
DOI 10.22533/at.ed.3301915043	
CAPÍTULO 4	32
AS MULTITERRITORIALIDADES NA PRAÇA DA BANDEIRA-CAMPINA GRANDE- E SUAS INFLUÊNCIAS NO DEBATE SOBRE A CONCEPÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO	
Leticia Barbosa Bomfim Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.3301915044	
CAPÍTULO 5	41
TERRITÓRIOS DO MEDO: UMA ANÁLISE SOBRE A SENSAÇÃO DE INSEGURANÇA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE CAMPINA GRANDE	
Pedro de Farias Leite e Silva Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.3301915045	
CAPÍTULO 6	56
UMA REFLEXÃO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO CENTRO COMERCIAL DE SUMÉ-PB DIANTE DO ATUAL CONTEXTO LOCAL/REGIONAL	
Gustavo dos Santos Costa Lincoln da Silva Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.3301915046	
CAPÍTULO 7	67
A IMPORTÂNCIA DA CRIAÇÃO DO CADASTRO TERRITORIAL MULTIFINALITÁRIO PARA CIDADE DE SOBRAL-CE	
José Antônio Alves Lino	

DOI 10.22533/at.ed.3301915047

CAPÍTULO 8 75

VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL À DENGUE NO RECIFE – PE

Caio Américo Pereira de Almeida
Rafael Silva dos Anjos
Henrique dos Santos Ferreira
Ranyére Silva Nóbrega

DOI 10.22533/at.ed.3301915048

CAPÍTULO 9 83

A IMPOSSIBILIDADE DA OPERAÇÃO URBANA CONSORCIADA COMO UM INSTRUMENTO DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA E DE REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS: UM ESTUDO DE CASO DA OUC-ACLO REALIZADA PELA PREFEITURA DE BELO HORIZONTE

Pablo Maia Barbosa
Linda Clara Oliveira Pontes

DOI 10.22533/at.ed.3301915049

CAPÍTULO 10 92

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO DIANTE DO LIMITE ESTRUTURAL DO CAPITAL: RENDA DA TERRA URBANA, AMBIENTE CONSTRUÍDO E DESSUBSTANCIALIZAÇÃO DO CAPITAL

Thiago Teixeira da Cunha Coelho

DOI 10.22533/at.ed.33019150410

CAPÍTULO 11 105

O BRT COMO UMA ALTERNATIVA PARA A MOBILIDADE URBANA: O CASO BOGOTÁ E DO RIO DE JANEIRO

Ricardo Maia de Almeida Junior
Renato Paiva Rega
Saullo Diniz dos Santos Macedo
Felipe da Rocha Santos

DOI 10.22533/at.ed.33019150411

CAPÍTULO 12 115

O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO EM MOÇAMBIQUE – ÁFRICA

Ester Tomás Natal Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.33019150412

CAPÍTULO 13 127

A DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS ACIDENTES DE TRÂNSITO NA CIDADE DE JARAGUÁ DO SUL-SC NO PERÍODO DE 2012 À 2015

José Roberto Machado
Larissa dos Santos
Pamela Aline Gorges

DOI 10.22533/at.ed.33019150413

CAPÍTULO 14	140
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA: OS MOTIVOS DA SUA PROCURA SEGUNDO SEUS USUÁRIOS	
José Roberto Machado	
DOI 10.22533/at.ed.33019150414	
CAPÍTULO 15	157
O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A DENSIDADE DA ARBORIZAÇÃO NO CENTRO DE PONTA GROSSA – PR	
Sandra Stocker Kremer Tadenuma Silvia Meri Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.33019150415	
CAPÍTULO 16	166
ESPAÇO, TERRITÓRIO E LAZER: UM ESTUDO SOBRE A LAGOA MAIOR EM TRÊS LAGOAS/MS	
Matheus Guimarães Lima	
DOI 10.22533/at.ed.33019150416	
CAPÍTULO 17	179
PRODUÇÃO DA HABITAÇÃO EM UMA CIDADE MÉDIA: ANÁLISE DO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA-PMCMV EM DOURADOS-MS	
Lidiane Cristina Lopes Garcia de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.33019150417	
CAPÍTULO 18	186
NOVAS ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO DO MERCADO IMOBILIÁRIO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM MACAPÁ-AMAPÁ	
Eliane Aparecida Cabral da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.33019150418	
CAPÍTULO 19	194
ESCOLAS SITIADAS E NOVO URBANISMO MILITAR: UM OLHAR SOBRE MILITARIZAÇÃO DAS ESCOLAS NO SUDESTE GOIANO	
Raul Castro Brandão Estevane De Paula Pontes Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.33019150419	
CAPÍTULO 20	202
OS EVENTOS DE INUNDAÇÕES NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO ITABAPOANA – RIO DE JANEIRO, BRASIL	
Yago de Souza Verling Vinicius de Amorim Silva	
DOI 10.22533/at.ed.33019150420	

CAPÍTULO 21	215
ABORDAGENS SOBRE A DINÂMICA FLUVIAL E DE SEDIMENTOS DO RIO TABOCO EM MATO GROSSO DO SUL	
Rennan Villhena Pirajá Diego da Silva Borges Mauro Henrique Soares da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.33019150421	
CAPÍTULO 22	231
GEOTECNOLOGIAS E MAPAS ONLINE: CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS SOBRE NOVAS POSSIBILIDADES DE REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICAS	
José Alves de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.33019150422	
CAPÍTULO 23	239
O USO DA CARTOGRAFIA TÁTIL COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO PARA OS DEFICIENTES VISUAIS	
Mateus Gouveia Alves Divino José Lemes de Oliveira Silvaci Gonçalves Santiano Rodrigues Heider Danilo de Oliveira Bruno Nascimento Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.33019150422	
CAPÍTULO 24	246
O ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL (DI) E AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA. UM ENSAIO	
Dayane Caroline Gomes da Silva Dias	
DOI 10.22533/at.ed.33019150424	
SOBRE O ORGANIZADOR	256

TERRITÓRIOS DO MEDO: UMA ANÁLISE SOBRE A SENSÇÃO DE INSEGURANÇA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE CAMPINA GRANDE

Pedro de Farias Leite e Silva

Universidade Federal de Campina Grande - PB

Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior

Universidade Federal de Campina Grande - PB

RESUMO: O aumento da sensação de insegurança nos espaços urbanos nos remete a uma sensação de vivência em “estado de guerra civil”. Tendo em vista a ampla recorrência deste tema, torna-se válido investigar se as pessoas estão ou não se apropriando dos espaços públicos, e também os tipos de violência que mais influenciam na forma de apropriação desses espaços. Para esta pesquisa foram delimitados dois importantes espaços de uso público na cidade de Campina Grande: A Praça da Bandeira e o Parque da Criança, através dos quais foram realizadas uma análise comparativa para identificação dos vetores causadores da sensação de insegurança. Sendo assim, nos propusemos a realizar visitas em órgãos públicos, estudos de campo e entrevistas, utilizando como forma de análise das informações coletadas a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Os resultados obtidos possibilitaram a identificação de um dos espaços como seguro e o outro como inseguro, de acordo com a sensação dos sujeitos pesquisados, tendo como fator determinante a estrutura e a função desses espaços.

PALAVRAS-CHAVE: violência, cidade, público,

insegurança, sensação.

ABSTRACT: The insecurity feeling seems to be growing. According to the public opinion and the media, we live a Civil War. Considering the widespreading of this theme, it becomes valid to investigate if people are appropriating themselves from the public spaces or not, and also the types of violence which most influences in the form of appropriation of these spaces. For this research it were established two places to be studied: The Praça da Bandeira and the Parque da Criança. Thus, it would be possible to make a comparison between them to identify the cause of the insecurity feeling, if existent. Therefore, we proposed to carry out visits in government agencies, field studies and interviews, utilizing the Discourse of the Collective Subject (DSC) as analysis method. According to the qualitative approach, we compared the informations in order to obtain the results, which highlighted one of the spaces as safe and the other as unsafe, in relation with the feeling of the researched subjects. Moreover, we noticed that the main form of violence derives from the accomplishing of small acts of theft, performed the most part by homeless underage people, which is common in central zones.

KEYWORDS: Violence, cities, public, insecurity, feeling.

1 | INTRODUÇÃO

A “insegurança” é um dos principais e mais recorrentes temas em voga nas discussões envolvendo o Brasil atual. Ela está estampada nas manchetes, nos noticiários e também na boca no povo. Os indivíduos inseridos nesse quadro social aderem – ou são forçados a aderir – a uma série de comportamentos que podem agravar o problema dorsal em questão: a própria insegurança. Isto é, quando estamos em um local tido como inseguro, ficamos receosos ao frequentá-lo, ou até mesmo o evitamos por completo. Quando ficamos receosos, não nos apropriamos livremente do espaço. Quando o evitamos, estamos esvaziando-o, ampliando ainda mais a sensação de insegurança relacionada ao local. Quanto mais ouvimos que um lugar é perigoso, mais reproduzimos essa imagem, passando-a adiante e perpetuando-a ainda mais.

A sensação de insegurança decorre e faz parte da violência proveniente da chamada “guerra civil molecular”, conceito trabalhado por Marcelo Lopes de Souza, geógrafo, no seu livro “Fobópole – o medo generalizado e a militarização da questão urbana”. Este conceito foi previamente edificado pelos alemães Hans Magnus Enzensberger e Ulrich Beck, mas de acordo com Marcelo Lopes de Souza (2008), não foi amplamente explorado pelos mesmos.

Para o geógrafo brasileiro, a sensação de insegurança se capilariza cada vez mais na nossa sociedade. A mídia frequentemente usa expressões alusivas à guerra para retratar o cenário da segurança pública. Contudo, sabemos que os noticiários podem assumir um comportamento bastante sensacionalista. Considerando este fato, Marcelo Lopes de Souza coloca no prefácio de Fobópole que o próprio Enzensberger (1993:20) se questionou sobre o emprego do termo “guerra civil”: “é o discurso sobre guerra civil uma generalização vazia, é ele um mero criador de pânico?”. A resposta, como ele mesmo concluiu, é de que o termo não é vazio e é aplicável à realidade. Guerra Civil significa “cidadão contra cidadão”, e é isso que temos arraigado nas cidades de hoje: cidadãos comuns com medo da ação violenta e criminosa de outros cidadãos comuns. “Guerra Civil Molecular”, não obstante, é um termo ainda mais apropriado, pois remete diretamente à violência urbana. A partir deste ponto de vista, a violência urbana pode ser compreendida como uma “desordem despolitizada”, causada por fatores não tão simples de identificar. A “dívida social” e a falência das instituições figuram como detentoras de grande parcela da culpa da violência (LOPES DE SOUZA, 2008). Vivemos num país e num estado de pouca inclusão social, no qual nem todos têm iguais oportunidades de acesso aos bens e serviços primários para uma boa qualidade de vida. Sendo assim, o crime pode aparecer como uma “solução” imediata e urgente para a situação de empobrecimento. Longe de afirmar que a violência surge dos empobrecidos (ela pode vir de qualquer direção), esta pesquisa foi desenvolvida a partir da sensibilidade de que eles na verdade são as maiores vítimas da violência da guerra civil molecular.

A proposta desta Iniciação Científica consistiu em investigar como essa lógica

se aplica aos dois espaços previamente delimitados: a Praça da Bandeira (espaço público aberto) e o Parque da Criança (espaço público “fechado”). Estes espaços, com usos diferentes entre si, são exemplos em termos de representação, tendo em vista também a grande relevância deles para a cidade de Campina Grande, que abriga por volta de quatrocentos mil habitantes, sendo um dos principais polos industriais do Nordeste. A Praça da Bandeira, por sua vez, é um dos corações da cidade, junto ao Calçadão da Cardoso Vieira, onde convergem grande parte dos cidadãos.

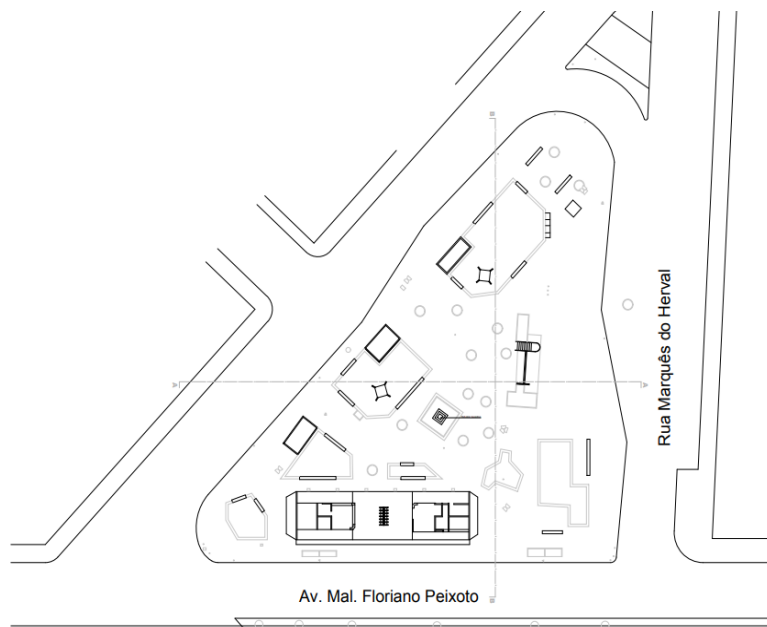
Quanto aos procedimentos metodológicos, recorreremos à Análise de Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), visitas em órgãos públicos, pesquisas junto ao IBGE, realização de entrevistas, levantamento de bibliografia referente ao tema, caderneta de campo e registro fotográficos. Através dessas e outras estratégias que serão detalhadas na descrição da metodologia, buscamos verificar quais são os principais tipos de violência urbana que estão presentes nas duas cenas públicas escolhidas para a pesquisa, analisando sua influência no cotidiano das pessoas e traçando um paralelo entre elas, procurando entender as possíveis causas da presença (ou ausência, se for o caso) da criminalidade em ambos os locais.

2 | MATERIAIS E MÉTODOS

A parte prática da pesquisa consistiu na revisão da literatura e pesquisa bibliográfica sobre o tema seguida do levantamento de informações oficiais gerais sobre a urbanização da Praça da Bandeira e do Parque da Criança, pesquisas no IBGE, além de atividades de campo exploratórias, entrevistas e registros fotográficos.

A revisão da literatura foi feita de forma crítica a partir da realização de fichamentos para uma futura utilização individual ou do grupo. Os textos lidos, aliados às reuniões do Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial (GIDs) proporcionaram um reforço intelectual necessário para o desenlace da pesquisa, tanto na questão do urbano *per se* quanto na própria especificidade da violência urbana. Entre os autores consultados e utilizados como referências teórico-metodológicas, destacamos Marcelo Lopes de Souza (Fobópole), Henri Lefevre (Direito à Cidade), Yves Pedrazzini (Violência nas Cidades), Manuel Castells (Questão Urbana), Nelson Saule Jr (Direito à cidade: trilhas legais) e Flávio Villaça (Espaço Intraurbano).

Para o desenvolvimento da pesquisa recorreremos a abordagem qualitativa enquanto principal procedimento metodológico, tendo como recursos a realização de entrevistas e a participação observante da área objeto de estudo, onde foram registradas anotações de campo e fotografias, fundamentais para a percepção da sensação de insegurança na e da Praça da Bandeira. Contudo, por compreendermos como relevante as informações do Estado para melhor entendimento de um tema tão complexo como segurança pública, optamos por entrar em contato com os setores da prefeitura responsáveis pela gestão do espaço objeto de estudo. Desta forma,



Quanto aos procedimentos metodológicos, recorreremos à Análise de Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), de forma a perceber e analisar a fala social da coletividade presente seja no depoimento de um indivíduo ou num artigo de jornal, por exemplo. Como disseram Lefevre & Lefevre, este tipo de pesquisa consiste numa “organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos, artigos de jornal...” (2003, p.15).

Em outras palavras, a Análise de Discurso do Sujeito Coletivo é uma técnica que nos permite perceber um discurso coletivo capilarizado no discurso de sujeitos individuais, que juntos são “colegas de representação” (Lefevre F & Lefevre AMC, 2014). Concatenando as similaridades contidas nos diferentes discursos, conseguimos nos aproximar de uma certa empiria no que diz respeito a representação social de um dado grupo, que no caso desta pesquisa é o grupo de frequentadores dos espaços públicos Praça da Bandeira e Parque da Criança.

O método de Análise de Discurso utilizado por nós deriva da identificação das Ideias Centrais e Expressões Chave como técnica para a elaboração do discurso do sujeito pesquisado, segundo os procedimentos propostos por Lefevre & Lefevre (2003). Os quadros 1 e 2 apresentados a seguir exemplificam o uso desse procedimento sendo a coluna da esquerda correspondente a transcrição do áudio dos segmentos representados (funcionário público, estudante, músico, treinador e professora), a coluna da direita as Ideias Centrais (IC) e abaixo o Discurso elaborado a partir da análise das entrevistas.

Como o objetivo é apenas exemplificar e repassar para futuros pesquisadores o conhecimento da técnica adotada, optamos por não incluir a transcrição completa das entrevistas, exemplificando apenas a partir de expressões-chave obtidas diretamente da análise. Em seguida, propomos a análise de conteúdo (quadro 3) a partir da comparação dos discursos elaborados.

Para elaboração dos quadros 1 e 2 realizamos uma sondagem na transcrição literal das entrevistas, identificando as principais e mais relevantes falas das pessoas sobre o tema pesquisado. Depois, elencamos as três ideias centrais presentes nessas falas. A partir da junção destas três ideias principais, tomou forma o Discurso do Sujeito Coletivo.

Tema :Sensação de Insegurança na Praça da Bandeira	
EXPRESSÕES CHAVE	IDEIAS CENTRAIS
Frases-chave1-funcionário público) adulto” (Com relação ao cotidiano nos espaços públicos ,eu falo pouco ,pois não frequento com muita frequência esse segmento. Eu vivo mais dentro de casa ou no trabalho .Evitando muitas coisas que acontecem no dia a dia em relação a insegurança de Campina Grande (...) .Passo de passagem ,só .Mas já ouvi muita gente falando que perdeu a carteira ,celular ,enfim .Tudo isso ,né(...) ? insegurança faz com que você não venha muito fazer aquilo que você gosta ...de” tá “numa praça ,de” tá “num comércio“...	Ideia Central1- (...)”já ouvi muita gente falando que perdeu a carteira ,celular ,enfim. ”(...)Já tiveram vários relatos de amigos meus) das Damas e do CAD(que foram assaltados ;amigos meus que foram intimidados por esses bandidos” (...) Aqui na Praça só esses pequenos furtos .Coisa grande aqui eu nunca vi não .Eu nunca presenciei“.
Frases-chave2-estudante) adolescente(“Minhas experiências são tipo ...eu ando muito ...como se diz ...meio perturbado com relação a conforto .Eu ando meio desconfortável ,porque você hoje em dia não pode dar bobeira com seus bens ,essas coisas ,na hora de sair pra resolver suas coisas .Pessoas mal intencionadas, olhares intimidadores .(...) .Já tiveram vários relatos de amigos meus) das Damas e do CAD (que foram assaltados ;amigos meus que foram intimidados por esses bandidos (...).”muita gente já sabe que Campina não é uma das cidades mais seguras pra se andar nas praças públicas“	Ideia Central2- ”Eu vivo mais dentro de casa ou no trabalho .Evitando muitas coisas que acontecem no dia a dia em relação a insegurança (...) eu ando muito... como se diz ...meio perturbado com relação a conforto .Eu ando meio desconfortável ,porque você hoje em dia não pode dar bobeira com seus bens ,essas coisas ,na hora de sair pra resolver suas coisas .Pessoas mal intencionadas ,olhares intimidadores“.

<p>Frases-chave3-músico) jovem adulto(</p> <p>”Geralmente eu vejo esses meninos de rua ,que ficam soltos ,menor de idade ,e o pessoal que vai fazer a compra no comércio fica assim ,displicente no meio da rua aí sempre são pegos .Aqui na Praça só esses pequenos furtos .Coisa grande aqui eu nunca vi não .Eu nunca presenciei (...) .As pessoas se sentem motivadas a vir ao Centro ,a se encontrar no Centro ,a fazer projetos no Centro ,porque se acham mais seguras aqui .Isso eu falo por mim ,pois tem pessoas que morrem de medo, que não é meu caso .É relativo .Pra mim não ocorre até porque eu trabalho com música ,sou muito visto ,então as pessoas me conhecem e comigo não tem problema“</p>	<p>Ideia Central3-</p> <p>[...]”a insegurança faz com que você não venha muito fazer aquilo que você gosta ...de” tá “numa praça ,de” tá “num comércio“...</p> <p>[...]”muita gente já sabe que Campina não é uma das cidades mais seguras pra se andar nas praças públicas“</p> <p>(...)”tem pessoas que morrem de medo“(...)</p>
DSC	
<p>As pessoas que frequentam a Praça da Bandeira já presenciaram ou ouviram relatos de roubos no local) pequenos furtos ,(o que geralmente acaba ocasionando uma grande sensação de desconforto e insegurança .Se percebe ,desta forma ,que é um espaço intimidador ,e que é frequentado com um certo receio por parte das pessoas que tem que desenvolver algum afazer na praça” .Pessoas intimidadoras “circulam livremente pelo local.</p>	

Quadro I – Transcrição da entrevista e análise do discurso

Tema :Sensação de Insegurança no Parque da Criança	
EXPRESSÕES CHAVE	IDEIAS CENTRAIS
<p>Frases-chave1-Professora) jovem adulta(</p> <p>”Ah ,o Parque da Criança é um ambiente muito agradável de vir pra cá pra se confraternizar ,pra sentir o ar no couro, no corre-corre do dia a dia é bom pra relaxar .Tem um espaço também pra caminhar quem quer tem academia também .É muito bom (...) .Só os que passam no noticiário e alguns relatinhos de pessoas que vieram pra cá e os seus celulares foram roubados ,de alguma forma(...) . Com relação ao horário ,a parte da noite é um pouco mais agressiva nessa questão ,porque tem alguns meliantes que frequentam com frequência aqui e faz seus assaltos mas só que ..porque tem um fluxo maior ,porque tem pessoas que vêm com o celular pra sei lá ,gravar alguma coisa ,marcar o tempo ,comunicar ,chamar pessoas“.</p>	<p>Ideia Central1-</p> <p>”Ah ,o Parque da Criança é um ambiente muito agradável de vir pra cá pra se confraternizar“</p> <p>”Até esses dias agora ,eu vi uns americanos aqui caminhando no Parque da Criança .Caminhando e falando em inglês .Quer dizer, pessoas de fora frequentando nossa cidade .É bacana isso. Campina Grande acho que não tá no patamar ainda das pessoas ficarem com medo de vir, frequentar e andar na cidade ,não“.</p>
<p>Frases-chave2-Treinador) adulto(</p> <p>”O Parque da Criança eu vejo assim ,sabe ,é ...algumas vezes têm esse pessoal que usa algum tipo de drogas .Eu vejo aqui ,que eu tenho um bom tempo aqui e eu venho aqui. Eu pratico esporte aqui e tem esse pessoal que trabalha aqui na localidade aqui ,os seguranças ,e eles afastam esse pessoal .Então ameniza um pouco a insegurança das pessoas (...) .Bom ,eu tenho um bom tempo aqui e nunca presenciei .O tempo eu venho sempre à tarde ,as vezes venho pela manhã .Eu me sinto bem aqui (...) .Até esses dias agora ,eu vi uns americanos aqui caminhando no Parque da Criança .Caminhando e falando em inglês. Quer dizer ,pessoas de fora frequentando nossa cidade .É bacana isso .Campina Grande acho que não tá no patamar ainda das pessoas ficarem com medo de vir ,frequentar e andar na cidade ,não .Tem alguns locais que dependendo do horário não é muito bom“.</p>	<p>Ideia Central2-</p> <p>(...)”Com relação ao horário, a parte da noite é um pouco mais agressiva nessa questão, porque tem alguns meliantes que frequentam com frequência aqui e faz seus assaltos“(...)</p> <p>”algumas vezes têm esse pessoal que usa algum tipo de drogas. (...)Eu pratico esporte aqui e tem esse pessoal que trabalha aqui na localidade aqui ,os seguranças ,e eles afastam esse pessoal“(...)</p>
DSC	

O Parque da Criança fornece um bom espaço para confraternização ,lazer ,prática de esportes, etc .É um ambiente agradável ,que atrai as pessoas ,mas do que as afasta .Pela parte da noite, principalmente ,existe a presença de meliantes e usuários de drogas que ameaçam a segurança do local ,mas os seguranças do parque acabam afastando essas pessoas .Assim sendo ,se sentem bem e seguras ao frequentar o parque.

Quadro II – Transcrição da entrevista e análise do discurso

Discurso do Sujeito Coletivo	Discurso do Sujeito Coletivo
<p>Praça da Bandeira :As pessoas que frequentam a Praça da Bandeira já presenciaram ou ouviram relatos de roubos no local) pequenos furtos ,(o que geralmente acaba ocasionando uma grande sensação de desconforto e insegurança .Se percebe, desta forma ,que é um espaço intimidador ,e que é frequentado com um certo receio por parte das pessoas que tem que desenvolver algum afazer na praça” .Pessoas intimidadoras “circulam livremente pelo local.</p>	<p>Parque da Criança :O Parque da Criança fornece um bom espaço para confraternização ,lazer ,prática de esportes ,etc .É um ambiente agradável ,que atrai as pessoas ,mas do que as afasta .Pela parte da noite, principalmente ,existe a presença de meliantes e usuários de drogas que ameaçam a segurança do local ,mas os seguranças do parque acabam afastando essas pessoas .Assim sendo ,se sentem bem e seguras ao frequentar o parque.</p>
Análise de Conteúdo	
<p>A partir de uma análise do conteúdo elaborado nos discursos representados se evidenciam algumas inquietações que necessitam de um maior aprofundamento a exemplo :estaria a sensação de segurança associada a privação no espaço considerando que a praça da bandeira é de livre acesso ao tempo em que o parque da criança possui restrição temporal de acesso? Estaria a sensação de segurança relacionada a presença do policiamento como agente inibidor das práticas de violência independentemente do espaço ser público) praça da Bandeira (ou parcialmente público) Parque da Criança?()</p> <p>Tem-se ,aí ,uma questão de ordem teórica e outra prática .A questão teórica remete ao debate sobre o significado de espaço público a partir da identificação de limites que restringem a acessibilidade .Neste caso ,a ausência de limites no acesso remetem a um incentivo a eventos de violência e ao próprio medo no uso do espaço .Já a questão de ordem prática relaciona o debate em torno do condicionamento da sensação de segurança a partir da presença ou controle territorial do espaço por parte do Estado.</p>	

Quadro III – Análise de Conteúdo a partir do Discurso do Sujeito Coletivo

Nas visitas que foram empreendidas em ambos os locais, fizemos o uso de caderneta de campo, na qual anotamos nossas percepções a respeito das práticas de territorialidade presentes, na intenção de sentir e vivenciar o espaço, nos colocando na posição de observadores participantes. Nesse ínterim, aproveitamos para fazer registros fotográficos da Praça da Bandeira e do Parque da Criança (Fotos 1 a 9).

A partir de uma análise comparativa entre os espaços públicos estudados, observa-se que, na Praça da Bandeira a maioria dos frequentadores são adultos ou idosos, os quais utilizam o espaço para praticarem jogos de tabuleiros, tomarem café, papear, etc. Por outro lado, há fluxo de diversos tipos de pessoas transitando pelo seu interior, com ambulantes, moradores de rua e figuras anarquizantes vez ou outra se apropriando do espaço. As pessoas se sentem seguras o suficiente para andar com o celular na mão e diversos carros estacionam pelas bordas. Não existe atrativo para os jovens, porém, para os mais velhos é um ponto de encontro muito bom, por causa

do engraxate, do café, das bancas de revistas, da proximidade com o trabalho, etc. Percebeu-se a presença de estudantes das escolas adjacentes ao local da praça, porém, sua apropriação do espaço é tímida, por estarem apenas esperando os seus pais e também por não haver atração.



Fotos 1 a 6: apropriações socioespaciais – Praça da Bandeira e Parque da Criança (2018)

Autoria: Farias Leite, Pedro (2018)

3 | DESENVOLVIMENTO

Nesses dois períodos, foram lidos diversos textos e estudados diversos conceitos que se fazem úteis para o desenvolvimento desta pesquisa. Houve espaço para conceitos de Michel Foucault, Bauman, Peter Hall e outros autores. Contudo, o caráter dessas leituras foi complementar, sendo abstraída de forma não sistemática, muitas vezes em fragmentos, por meio de artigos, aulas, palestras, etc. Apesar disso, os conceitos podem e devem fluir no decorrer da discussão dos resultados. Por hora, vamos nos ater à bibliografia prevista.

Para fundamentar a pesquisa, buscamos relacionar o conteúdo lido com a problemática analisada de forma a fundamentar teórico e conceitualmente o objeto

estudado.

Para o debate sobre as contradições no espaço urbano, recorreremos à leitura de autores como Manuel Castells, através do qual analisamos as contradições de ocupação e apropriação no espaço urbano que, associado à leitura da obra de Flávio Vilaça (Espaço Intra-Urbano no Brasil) possibilitou-nos relacionar as práticas de apropriação do espaço a partir da perspectiva do território e das práticas de territorialidades expressas nas disputas de poder entre os sujeitos sociais que se apropriam dos espaços. Nesse contexto, adentramos ao debate sobre a escala do cotidiano através da leitura do Direito à Cidade, de Henri Lefebvre, pela qual classificamos a apropriação da praça como resultante de práticas complementares entre os sujeitos sociais que atuam tanto em uma ordem próxima (prática cotidiana) como em uma ordem distante (ação das Instituições ao definirem os critérios para a apropriação do espaço conforme).

Com base no entendimento das formas como o espaço estava sendo apropriado, passamos à leitura dos fundamentos sobre os efeitos dos eventos de violência na caracterização do uso dos espaços analisados. Para isso, recorreremos a obra Fobópole, de Marcelo Lopes de Souza) na qual o autor compreende a sensação de insegurança como produto de intencionalidades materializadas em uma “guerra civil molecular”. Reportamos esse entendimento à realidade das apropriações dos espaços públicos, nos quais a violência se apresenta em forma de relações distintas, porém indissociáveis das práticas socioterritoriais dos pobres.

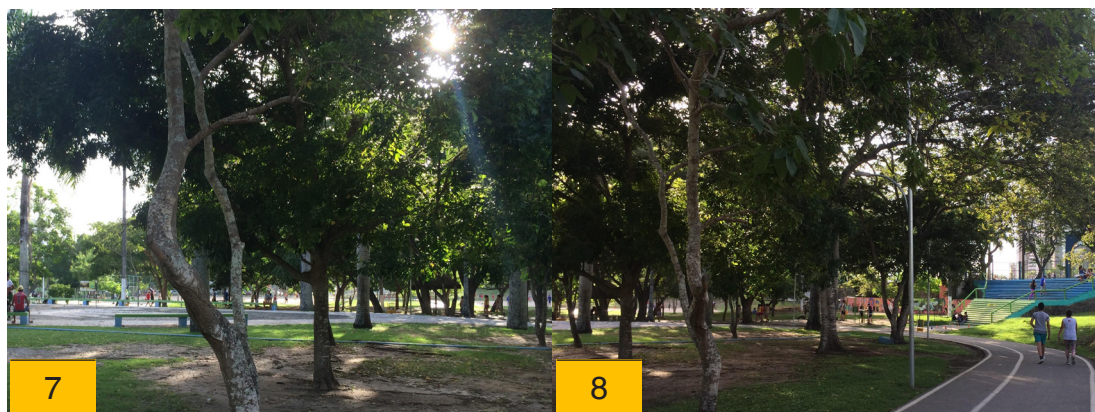
4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Contraopondo os dois espaços pesquisados, um sendo uma praça, o outro sendo um parque, podemos começar a entender os usos de cada um. A Praça da Bandeira apresenta um conflito maior. É um espaço mais heterogêneo, mais territorial, onde existe superposição das intencionalidades e mais intensas relações de poder. O Parque da Criança, por sua vez, é um espaço mais formalizado, direcionado ao lazer. Os Discursos dos Sujeitos Coletivos nos quadros I e II confirmam essa tese. Enquanto um espaço é plenamente direcionado ao lazer, o outro, além do lazer, tem diversas outras funcionalidades. De acordo com a 6ª edição do dicionário Aurélio (2004), praça é basicamente um “lugar público cercado de edificações”, ponto de intermédio entre as zonas comerciais; o parque, uma “área de lazer arborizada”. Desta forma, as atividades no parque são cerceadas, por meio da ação de agentes de segurança e da própria estrutura do espaço, para manterem-se dentro da recreação, apenas.

Fundada em 1942, com o nome “Índios Cariris”, pelo prefeito Vergniaud Wanderley (18/12/1935 – 01/03/1938 e 20/08/1940 – 01/03/1945), que protagonizou grandes reformas desobstrutivas no Centro da cidade, a Praça da Bandeira surge com a função de prover lazer, descanso e também de ser um símbolo da modernização. Tendo em vista a sua fundação e sua localização, esta praça pode ser a mais importante da

cidade. A presença do púlpito entrega seu histórico de ser palco para movimentos sociais e políticos. Desde a sua fundação, a praça vem abrigando diferentes e variadas práticas socioespaciais. De acordo com nossas observações, podemos afirmar que na Praça da Bandeira figuram, de certa forma, pessoas de todos os tipos: moradores de rua, ambulantes, esqueitistas, donas de casa, músicos, funcionários públicos, mototáxis, punks, aposentados, universitários, engraxates, entre outros, cada um com sua forma de se apropriar do espaço. As intencionalidades são variadas. Já no Parque da Criança, elas de fato orbitam em torno do lazer: prática de exercícios físicos, brincadeiras, eventos para toda a família, piqueniques, etc.

Em entrevista realizada com a arquiteta Fernanda Jinkings (SEPLAN), a qual atua como responsável pelos projetos de urbanização dos espaços em pesquisa, a Praça da Bandeira seria mais segura do que o Parque da Criança. Numa comparação, ela conclui o seguinte: o parque, diferentemente da praça, é cheio de áreas com má visibilidade, muito devido às árvores de copa baixa e larga (Foto 7 e 8).



Autoria: Farias Leite, Pedro (2018)

Questionada sobre tipos de reformas para amenizar a insegurança nos espaços, Fernanda disse que um grande princípio a ser seguido é o da pouca ou nenhuma obstrução da visão das pessoas. Ou seja: quanto mais aberto for o local, melhor. A Praça da Bandeira é aberta, de modo que um transeunte pode enxergar com clareza qualquer ponto dela sem muita dificuldade. Olhando por esta perspectiva, de acordo com a arquiteta, a sensação deveria ser o contrário do que exprimiram as entrevistas. Contudo, como analisado no quadro 3, dentre os fatores que geram insegurança nas pessoas, a questão da visibilidade parece ser um deles. A sensação de segurança no Parque da Criança provém bastante do fato do mesmo ser um espaço público fechado, cercado por grades e por vigilantes, que, como os entrevistados testemunham, inviabilizam a presença de pessoas “mal-intencionadas”.

De acordo com a SEPLAN, existem projetos de intervenção para o Parque da Criança, conforme já observado na figura 1. Entretanto, não há muita previsão de quando serão feitos, embora tenha sido realizada uma licitação para 2018. Quanto à praça, de acordo com o observado nas figuras 2 e 3, não há mais nada a ser feito por enquanto, tendo em vista que já foi realizada uma reforma em 2016 e que

segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estado da Paraíba (IPHAEP), a praça está inserida dentro da área de preservação histórica (Decreto Estadual Nº 25.139/2009, assinado por Cássio Cunha Lima). Reclamações acerca do piso da praça, já destruído pelo tempo, teriam sido o motivo da reforma. Quedas de idosos eram bastante recorrentes, fator impulsionado pelo alto grau de atração da praça às pessoas da terceira idade. Sendo assim, para a reforma de 2016, a meta foi trocar o piso antigo por um menos problemático e adicionar sinalizações táteis para guia e alerta de deficientes visuais. Também houve a adição de algumas mesas, bastante usadas hoje em dia pelos frequentadores da praça. Bem assim, os bancos foram revestidos por outro material, mais fácil de limpar.

A partir das informações obtidas, verificamos que a SEPLAN tem pelo menos sete intervenções propostas ao Parque da Criança, sendo a maioria relacionada a renovação de alguns equipamentos. Portanto, apenas algumas têm de ser destacadas neste momento: substituir o alambrado da casa de máquinas por gradil (intervenção 03) e substituir luminárias e lâmpadas queimadas (intervenção 04). Disto tiramos que existem luminárias e lâmpadas defeituosas que podem aumentar a sensação de insegurança, tornando o parque ainda mais escuro no período noturno. Quanto ao alambrado, sabemos que o gradil geralmente configura-se mais resistente. Se a proteção precisa ser melhorada, quer dizer que possivelmente exista algum problema com segurança. As intervenções estão enumeradas ao lado da planta de reforma do parque (figura 1) cedida pela SEPLAN. No mais, as mudanças propostas são na intenção de modernizar o espaço. Torná-lo mais seguro no sentido de evitar acidentes como quedas e tropeções. Não obstante, é possível que depois das reformas haja perambulo e desfrute do local por parte de mais pessoas do que hoje em dia. Um espaço mais frequentado tende a gerar menos sensação de insegurança.

Os registros fotográficos nos mostram que nenhum dos espaços é anêmico. Isto é, nem a Praça da Bandeira nem o Parque da Criança são esvaziados. A praça é frequentada por uma boa quantidade de pessoas em todos os turnos:

“Aqui o point é de noite; de manhã, é no Calçadão. De manhã aqui pra gente é morto. De manhã aqui só se for bem cedinho, antes de ir pro trabalho. Na hora do almoço, Calçadão, se encontra todo mundo. De noite, quando for voltar pra casa, vem pra cá de novo.”

(Músico, em entrevista sobre a Praça da Bandeira)

Nessa parte da entrevista, o sujeito pesquisado discorre sobre a sua forma de se relacionar com o espaço. Da mesma forma que ele tem seus horários, outros tipos de frequentadores também têm os seus, a exemplo dos aposentados, que não mais trabalham e se fazem presentes em quase todos os horários.

A rotatividade na Praça da Bandeira é maior, tanto por ser um espaço mais aberto, onde não há controle de entrada e saída, quanto por ser utilizada como local de acessibilidade a outros locais. É comum observar o desconforto de algumas

pessoas mediante a presença de outras. Durante o estudo de campo, percebemos que vez ou outra aparecem figuras anarquizantes e moradores de rua, que chegam para se apropriar do local, fazendo com que as demais pessoas fiquem em estado de alerta, ou se afastem. Talvez nem pelo medo de serem assaltados, mas pela quebra da “normalidade”. No período da noite, é comum que se reúnam moradores de rua para dormir na praça. Outra informação relevante é sobre o policiamento, que estava presente durante todas as visitas ao local, do lado externo, sem interferir diretamente na dinâmica socioespacial.

O tipo de violência mais ocorrido na Praça da Bandeira é o criminal. Especificamente, o que mais ocorre são os pequenos furtos, conforme o que relatam os frequentadores do local, o próprio responsável pela administração da praça, o Sr. Lenivaldo Olinto. Geralmente, esses crimes são efetuados por menores de idade, usuários de droga, munidos de armas brancas (Quadro 4).

Treinador	Músico
”O Conselho Tutelar poderia ver muito aquelas crianças que ficam ali subindo nos ônibus .Não sei onde é que fica o Conselho Tutelar .Se tem esse órgão aqui pra cuidar dessas crianças ,porque tem essas crianças que não tem pai ,mãe“ .	”Geralmente eu vejo esses meninos de rua ,que ficam soltos ,menor de idade, e o pessoal que vai fazer a compra no comércio fica assim ,displicente no meio da rua aí sempre são pegos“ .

Quadro 4 – O crime no Centro de acordo com sujeitos pesquisados

Como constatamos a partir da análise das entrevistas, na Praça da Bandeira (espaço público aberto), a sensação, no geral, tende a ser de insegurança. Já no Parque da Criança (espaço público fechado), os sujeitos pesquisados se sentem seguros. Apesar desse posicionamento adotado pelos entrevistados na praça, percebemos – através da observação e participação no cotidiano do local – que as pessoas não se comportam como pessoas inseguras: usam o celular, andam devagar, despreocupados com seus pertences. Quando comparada com a Praça Clementino Procópio, que se encontra do outro lado da Av. Mal. Floriano Peixoto, a Praça da Bandeira aparece como um local seguro, como Lenivaldo confirma, e também de acordo com os sujeitos pesquisados:

“ (...) no centro da cidade, eu vejo que tem muita criança ali solta naquela praça Clementino Procópio, abandonada (...) ”
(Treinador, sobre a praça da bandeira)

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe uma grande falha em relação a abordagem do governo para com ambos os espaços, no que se refere ao planejamento. Como constatamos, os próprios frequentadores do Centro preocupam-se com a questão das crianças de rua, que são abandonadas pelos pais e pelo governo, voltando-se para o mundo das drogas

e sobretudo do crime, como método urgente de sobrevivência. Além disso, o caráter das reformas propostas para ambos os locais pesquisados é referente à melhoria da acessibilidade, que não está diretamente interligada a matérias de segurança. Contudo, pelo que observamos das pessoas que frequentam a Praça da Bandeira, que é o local onde se tem a sensação de insegurança, e, conseqüentemente, o que mais precisa de atenção, elas parecem fazer uma leitura equivocada da sua própria forma de se apropriar do espaço: dizem ter medo, mas não demonstram. Desta forma, estaria assim a sensação de insegurança associada ao local específico, ou é algo que as pessoas carregam dentro de si para onde quer que estejam?

Nas entrevistas, houve consenso em definir Campina Grande como uma cidade perigosa. Mas, por outro lado, as pessoas dizem se sentir seguras no Parque da Criança. O que, então, confere essa segurança? Talvez seja porque o espaço é fechado. Como analisamos no quadro III, o controle e a vigilância da acessibilidade ao parque é o vetor que parece conferir a sensação de segurança. Apesar desta compreensão, sabemos que fechar um espaço é uma “solução” apenas local, pouco alterando a imagem da cidade como um todo, que por sua vez não é constituída apenas por “bolhas de segurança”.

Torna-se difícil realizar uma comparação entre a sensação de insegurança das pessoas às ocorrências de crime nos locais pesquisados, pois os dados da polícia são sujos. A partir de visitas à Central de Polícia, localizada no bairro do Catolé, ficamos sabendo que apenas a partir de 2012 eles começaram a registrar digitalmente as ocorrências. Elas estão salpicadas por todas as delegacias da cidade e não há um sistema que unifique todas elas. Outro problema é que as ocorrências estão elencadas por bairros, muitas vezes não citando o local exato, o que dificulta a consulta. As pessoas que fazem o armazenamento de informações para a polícia são muitas vezes secretários, sem perícia em dados, deixando assim de ter o devido cuidado na hora de registrá-los.

É preciso compreender porque o crime (ou o criminoso) está ou deixa de estar no espaço, compreender o viés da violência. Para um estudo posterior, poderia ser interessante comparar a Praça da Bandeira com a Praça Clementino Procópio, pois a criminalidade e a insegurança que estão presentes na primeira, se afluem muito mais na segunda, de acordo com as entrevistas e com as conversas com as administrações públicas.

Provavelmente, alguma medida de amparo às crianças de rua, colocando-as em escolas, pode tranquilizar os frequentadores do Centro. Não se pode fechar a praça, da mesma forma que se faz com o Parque da Criança, pois seria totalmente contra sua característica. A presença policial na praça também não se mostra eficiente, portanto, seria preciso cuidar das crianças e divulgar para a população que alguma medida está sendo tomada, de modo a transmitir segurança e tornar o espaço mais atrativo. De qualquer forma, mesmo com o discurso do sujeito coletivo apontando para a falta de segurança na praça, ela ainda é um local frequentado, mas poderia ser ainda mais,

principalmente pelas pessoas mais jovens.

No Parque da Criança, não é permitido a entrada de pedintes, moradores de rua, usuários de droga e demais pessoas à margem da sociedade. São essas pessoas que fazem com que as outras se sintam inseguras (quadros I e II). Sendo assim, a pesquisa na Praça da Bandeira e no Parque da Criança comprova a seguinte constatação de Lopes de Souza:

“A qualidade de “público” de um espaço não parece, assim, ser uma questão de “tudo ou nada”, mas sim de níveis de intensidade. “ (Fobópole, p.82)

.O primeiro espaço, mais intensamente público, produz mais sensação de insegurança. Para solucionar tal problema, deveria haver alguma assistência social para inserir saudavelmente na sociedade estas pessoas marginalizadas. De acordo com Lopes de Souza,

“(…) o melhor a fazer é, em vez de conduzir processos de exclusão ou estigmatização de “(grupos de) indesejáveis” e “(grupos de) suspeitos em potencial”, o que muitas vezes acaba acontecendo com a ajuda do monitoramento por câmeras de vídeo, o melhor a fazer, dizia o autor, é buscar garantir a maior presença humana possível, a heterogeneidade e a diversidade nos espaços públicos. (STOLLE e HEFENDEHL, 2002; COLEMAN apud MARTINS, 2003:12) (...)” (Fobópole, p. 90).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. (Coleção Pensamento Crítico; v. 48)

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Banco de Dados**. 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> Acesso em: 17 nov. 2017.

INFORMAÇÕES SOCIOECONÔMICAS (IBGE 2010). **Observa Campina**. Disponível em: <http://www.observacampina.com/sigcg/socioeconomico.html> Acesso em: 19 fev. 2018.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito a Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001. 135p.

LEFEVRE F; LEFEVRE A. M. C. **Discurso do Sujeito Coletivo: Representações Sociais e Intervenções Comunicativas**. Texto & Contexto Enfermagem, Florianópolis, 2014 Abr-Jun; 23(2): 502-7.

PEDRAZZINI, Yves. **A violência das cidades**. Petrópolis: Vozes, 2006.

SAULE JÚNIOR, Nelson; AUTORES, V. (Org.). **Direito à Cidade – Trilhas Legais para o Direito às Cidades Sustentáveis**. 1. ed. São Paulo: Editora Max Limonad, 1999. v. 1. 393p.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole: o Medo Generalizado e a Militarização da Questão Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 288p.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-Urbano No Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001. 155p.

SOBRE O ORGANIZADOR

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

Graduado em Geografia (Bacharelado e Licenciatura) pela PUC -Campinas, Mestre e Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Professor do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia -PPGEO na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e Agrários (NEPRA-UNIMONTES) e o Subprojeto de Geografia - "Cinema, comunicação e regionalização" no âmbito do PIBID/CAPES. Exerce também a função de Coordenador Didático do Curso de Bacharelado em Geografia -UNIMONTES. Tem experiência na área de Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Agrária, Regularização Fundiária, Amazônia, Ensino de Geografia, Educação do Campo e Conflitos Socioambientais e Territoriais. Participação como avaliador no Programa Nacional do Livro e do Material Didático-PNLD de Geografia e no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), vinculado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). É autor e organizador das seguintes obras: No chão e na Educação: o MST e suas reformas (2011), Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem (2013), Práticas de Ensino: Teoria e Prática em Ambientes Formais e Informais (2016), Geografia Agrária no Brasil: disputas, conflitos e alternativas territoriais (2016), Geografia Agrária em debate: das lutas históricas às práticas agroecológicas (2017), Atlas de Conflitos na Amazônia (2017), Serra da Canastra território em disputa: uma análise sobre a regularização fundiária do Parque e a expropriação camponesa (2018), entre outras publicações.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-333-0

